

SAMBA DE SALÃO E DANÇAS GAÚCHAS DE SALÃO: UM ESTUDO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA EM CONTEXTOS DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

NATHANAEL PERES MARTINS¹; ROBSON TEIXEIRA PORTO²; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS³; MARCO AURELIO DA CRUZ SOUZA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPe) – nathanaelpres99@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – prof.rob.porto@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPe) – thiago.amorim@ufpel.edu.br

⁴Universidade Federal de Pelotas – marco.souza@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho está situado no campo do ensino de dança e no âmbito do projeto de pesquisa “Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPe” (NUFOLK), coordenado pelos professores doutores Marco Aurelio da Cruz Souza e Thiago Silva de Amorim Jesus. É realizado em parceria com o projeto de pesquisa “Mediação cultural, educação estética e processos educacionais em Arte”. Estes projetos estão vinculados ao Observatório de Memória, Educação, Gesto e Arte é um Grupo de Pesquisa (UFPe/CNPq).

A pesquisa tem como objetivo refletir sobre procedimentos didático-pedagógicos da Dança de Salão em dois contextos distintos, a partir da experiência dos autores. A primeira experiência refere-se a uma oficina de Samba de Salão para estudantes de Educação de Jovens e Adultos (EJA) do Colégio Municipal Pelotense (Pelotas/RS). A segunda refere-se a aulas de Danças Gaúchas de Salão no CTG³ Cancela Grande (Morro Redondo/RS). O trabalho alinha-se à perspectiva de uma pedagogia relacional de Fernando Becker (1994), que pressupõe uma comunicação dialógica entre docentes e aprendizes, estimulando a reflexão sobre as próprias experiências e incentivando a participação ativa no processo de aprendizagem. Ao articular esses princípios com fundamentos da pedagogia crítica de Paulo Freire (1996), compreendemos a sala de aula como um espaço de compartilhamento de conhecimentos e saberes, em que o afeto e o diálogo corroboram para a emancipação das pessoas, especialmente na dança, em que o corpo se manifesta de forma sensível, expressiva e situada.

2. METODOLOGIA

Este trabalho se baseia na experiência dos autores como ministrantes de duas oficinas de Dança de Salão. Iniciativas que oportunizaram aos participantes a vivência prática de danças e contribuíram para a formação pedagógica dos acadêmicos, por meio da reflexão crítica e da análise dos processos de ensino adotados. As duas experiências foram desenvolvidas no âmbito da disciplina Prática Extensionista em Dança II, do curso de Dança-Licenciatura (UFPe) com o objetivo de possibilitar vivências acessíveis em Dança de Salão, valorizando os conhecimentos prévios das pessoas participantes. As atividades foram propostas

¹ Doutorando em Artes Cênicas (UFRGS). Bolsista CAPES.

² Acadêmico do Curso de Dança – Licenciatura da UFPe. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq da Manifestações Populares Tradicionais Não-Hegemônicas do e no Rio Grande do Sul: segunda fase de estudos (OMEGA UFPe - CNPq). Professor/avaliador e pesquisador de Danças Gaúchas de Salão na cidade de Pelotas/RS.

³ Centro de Tradições Gaúchas.

para suprir a demanda de dança na comunidade, identificada por meio de consulta realizada pela professora Carmen Anita Hoffmann e por discentes da disciplina supracitada. Por fim, ao final das ações, os ministrantes realizaram uma avaliação do desenvolvimento das atividades, o que culminou na produção desse trabalho.

A oficina de Samba de Salão integrou a programação do evento “Dia D”, uma das ações da disciplina Prática Extensionista em Dança II, promovido pelo curso de Dança-Licenciatura (UFPel) em 29 de abril de 2025. O evento, realizado em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e Desporto (SMED), viabilizou o transporte de estudantes até o Bloco da Dança e Teatro da UFPel. O público-alvo da oficina foi composto pelos estudantes da EJA do Colégio Municipal Pelotense e foi ministrada por Robson Porto e por Flávia Marchi Nascimento⁴.

A oficina com Danças Gaúchas de Salão foi realizada em três encontros, nos dias 13, 20 e 27 de março de 2025, no CTG Cancela Grande, tendo como público-alvo pessoas da comunidade de Morro Redondo, abrangendo diferentes faixas etárias. As atividades foram conduzidas por Nathanael Peres Martins e por Ana Carolina Freitas Silva⁵.

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Na oficina de Samba de Salão, o público foi composto, predominantemente, por pessoas sem experiência prévia em Dança de Salão. Por esse motivo, o professor optou pela criação de um ambiente acolhedor descontraído como estratégia para diminuir a tensão inicial demonstrada pelos estudantes. Aos poucos, em ritmos distintos, observamos que o interesse das pessoas discentes passou a acontecer progressivamente, especialmente a partir de perguntas sobre suas experiências com a dança.

No decorrer da prática, as pessoas participantes foram estimuladas a realizar movimentações simples, iniciando com a transferência de peso de uma perna para a outra. Em seguida, foi proposto que batessem palmas ritmadas e, depois, que realizassem deslocamentos em círculo (figura 1).



Figura 1 - Atividade: caminhada em duplas
Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

⁴ Professora do Curso de Dança-Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Coordenadora do Projeto Unificado, com ênfase em extensão, Dançar A2 Pelotas.

⁵ Acadêmica do Curso de Dança – Licenciatura da UFPel. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PBIP/AF/UFPEL do Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPel (OMEGA UFPel - CNPq).

No entanto, ao perceberem o início das movimentações, algumas pessoas se afastaram e se posicionaram junto às paredes. Outras, que também demonstraram retraimento inicial, foram, aos poucos, retomando a participação ao perceberem a acessibilidade da proposta e ao observarem colegas executando os movimentos com facilidade.

Diante das reações iniciais do grupo, o planejamento foi reorganizado para garantir o engajamento com a proposta. Em vez da exploração de um repertório mais amplo, como previsto inicialmente, optamos por movimentos mais simples. Essa escolha permitiu manter uma escuta sensível às necessidades do grupo e respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem. A oficina representou o primeiro contato com a turma, apesar do vínculo já existente entre a comissão organizadora e as instituições envolvidas. Durante a realização, identificamos a participação de pessoas com deficiência visual, mobilidade reduzida e deficiência cognitiva, que se engajaram, sem a necessidade de adaptações específicas.

Em atividades nas quais os professores não conhecem previamente o público e o tempo é reduzido para a execução das propostas, costuma-se utilizar o ensino de movimentações simétricas. Essa estratégia facilita a criação espontânea das duplas, permitindo, inclusive, a formação de pares do mesmo gênero ou que homens se sintam à vontade para experimentar uma atitude conduzida ao dançar com mulheres, por exemplo. Complementarmente, busca-se apresentar as propostas de forma objetiva, organizando-as em pequenas progressões que favorecem a transição entre as atividades.

A avaliação ocorre de maneira formativa, baseada na observação do envolvimento e do desempenho coletivo, permitindo ajustes na condução das práticas conforme as necessidades identificadas. Nesse sentido, compreendemos que práticas pedagógicas verdadeiramente inclusivas exigem rupturas com lógicas tradicionais e normativas. Como afirma a pesquisadora em educação inclusiva Maria Mantoan (2015, p. 65), “superar o sistema tradicional de ensinar é um propósito que temos de efetivar com toda urgência”. Essa superação passa pela valorização das diferenças como potencial criativo e transformador, especialmente no ensino da dança, onde corpos em movimento expressam múltiplas formas de ser, estar e aprender no mundo.

Identificamos que esses princípios também orientaram as aulas de Danças Gaúchas de Salão, que incorporam uma abordagem sensível às especificidades do grupo e ao contexto sociocultural em que estão inseridas conforme apresentaremos na sequência da discussão.

Verificamos que as aulas foram organizadas em três momentos pedagógicos: aquecimento corporal e musical; desenvolvimento do tema ou desafio proposto; e encerramento com práticas voltadas à exploração e à descontração. A proposta buscava ampliar o repertório técnico, relacional e expressivo das pessoas aprendizes, ao mesmo tempo em que valorizava os saberes tradicionais já presentes no grupo.



Figura 2 - Dançarinos e professor no aquecimento do ensaio

Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Durante os encontros, as pessoas participantes foram convidadas a experimentar diferentes ritmos musicais tradicionais do estado, a percepção corporal e o desenvolvimento das habilidades de condução e escuta, além de fortalecer a confiança e a parceria tanto na dança quanto no coletivo, elementos fundamentais das danças de salão. Por meio de desafios lançados aos participantes como, a condução com balões ou a inversão de posições entre pessoas condutoras e conduzidas, buscou-se provocar uma vivência da Dança Gaúchas de Salão com tomadas de decisões mais exploratórias.

O diálogo com os saberes prévios das pessoas participantes foi desafiador em ambas as propostas de oficinas, já que o conservadorismo identificado neles, fruto de uma sociedade cisheteropatriarcal, influenciou diretamente a prática e, consequentemente, o ensino das danças de salão. No contexto gaúcho, esse tensionamento se assentou, sobretudo quando se considera que as pessoas participantes das aulas frequentam fandangos e vivenciam à tradição regional (espaços tradicionalmente conservadores). Diante disso, os professores procuraram adotar e manter uma postura sensível e respeitosa, reconhecendo as complexidades envolvidas nesse encontro de perspectivas.

Outro desafio consistiu em criar um ambiente de confiança e acolhimento, no qual todos os corpos se sentissem à vontade para experimentar na completude da ação e refletir sobre os seus fazeres durante as aulas.

4. CONSIDERAÇÕES

As experiências relatadas evidenciam tanto a complexidade quanto as potências da inserção da Dança de Salão em contextos educacionais diversos, especialmente quando essa linguagem é abordada de forma crítica, inclusiva e sensível às diferenças presentes nas turmas. Mais do que a transmissão de técnicas ou passos, o ensino de Samba de Salão e de Danças Gaúchas de Salão pode mobilizar afetos e provocar reflexões sobre normas de gênero na sociedade.

No contexto da extensão universitária, essas propostas cumprem um papel transformador ao promover compartilhamento de saberes entre universidade e comunidade, respeitando e fortalecendo as tradições locais, ao mesmo tempo em que propõe reflexões críticas sobre os modos de dançar e se relacionar nos salões.

Além disso, essas ações contribuíram significativamente para a nossa formação docente, não apenas com a ampliação de repertórios didático-pedagógicos, mas também pela proposição de repensar posicionamentos diante dos saberes tradicionais. Por fim, aprendemos que a tradição pode, e deve, ser um espaço para invenção e ressignificação, mas sem perder o respeito às raízes culturais que a fundamentam, permitindo que novas vivências enriqueçam e perpetuem seu legado de forma viva e significativa.

5. REFERÊNCIAS

BECKER, Fernando. Modelos pedagógicos e modelos epistemológicos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 89–96, jan./jun. 1994.

MANTOAN, Maria. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.